

CAVEIRA EXISTE?

Gonçalves, Eliane de Oliveira Martins

Resumo:

Este trabalho procura relatar um projeto desenvolvido a partir do curso “ABC na Educação Científica - Mão na Massa”, em uma sala de Educação Infantil com crianças na faixa etária de cinco anos. O objetivo do projeto foi desenvolver na criança a noção de que todos os seres humanos têm um esqueleto e compreender a importância do mesmo para o movimento do corpo. O trabalho desenvolveu-se através de roda de conversa, para avaliar os conhecimentos prévios dos alunos e através de atividades de percepção corporal, pesquisa, comparações, manipulações de materiais, desenhos, esculturas, pinturas, confecção de textos coletivos e passeio.

Introdução:

Tenho uma simpatia pelo termo fazer Ciência *com* as crianças, muito mais do que pelo termo *ensinar* Ciências às crianças.

É preciso levar sempre em conta, as idéias que a criança defende em relação ao mundo, em relação ao outro e a partir disto desenvolver modelos mais aprimorados que possam responder a uma pergunta e a partir disto criar outra.

O Curso “ABC na Educação Científica Mão na Massa” possibilitou-me este entendimento e, portanto, quero socializar o resultado de um projeto desenvolvido em minha sala com crianças na faixa etária de cinco anos, numa CEMEI de São Carlos.

Objetivo:

O objetivo do projeto foi trabalhar com as crianças numa perspectiva de percepção do corpo humano no que tange a existência do esqueleto e sua importância para o movimento deste corpo.

Eu queria trabalhar ciências, porém, não de modo formalizado a partir da didática extraída de livros de ciências, mas como possibilidade de propiciar às crianças a vivência de situações e atividades que partissem de seu próprio interesse.

Desenvolvimento:

Durante todo o projeto procurei não perder de vista que o processo seria mais importante do que atingir metas, garantindo que as crianças falassem, explorassem situações, construíssem hipóteses, argumentassem e buscassem soluções.

Confesso que o mais difícil sob o aspecto da participação das crianças foi manter-me em silêncio quando elas tentavam interpretar algum evento buscando soluções próprias, principalmente quando começavam a se distanciar muito das ações necessárias para a resolução do fenômeno estudado. Eu segurava minha imensa vontade de dar a resposta, pois, sabia que o mais importante era que o trabalho estivesse voltado para o construir *com* a criança, a necessidade e possibilidade de encontrar os meios de explicação para o que estavam percebendo.

Durante o projeto tive algumas dificuldades, ao pretender que as crianças colaborassem trazendo alguns materiais indispensáveis, como por exemplo, radiografias, percebi que elas não o faziam pela falta de envolvimento dos pais, então, procurei resolver a situação escrevendo cartas para os familiares, deixando-os cientes do que estávamos trabalhando e pedindo a colaboração para que respondessem às possíveis questões que as crianças levassem para casa, bem como, mandassem, quando possível, o material solicitado. Esta atitude resultou em uma maior participação dos familiares que se mostraram mais interessados e isto influenciou num maior interesse demonstrado pelas próprias crianças que ficavam empolgadas ao trazer as colaborações dos seus.

Procurei trabalhar com os alunos de modo a fazê-los pensar em seus próprios corpos e ter curiosidade sobre o funcionamento dos mesmos. Ao apalparem o próprio corpo e parte do corpo dos companheiros, eles perceberam as partes duras, os ossos, mas também as partes moles e quiseram saber o que havia, por exemplo, dentro de suas barrigas.

Esta foi a primeira pesquisa compartilhada com os pais, que mandaram respostas que foram socializadas em sala de aula.

As crianças também começaram a ter curiosidade sobre para onde iria a comida e bebida que ingeríamos; fizemos algumas experimentações no refeitório e a partir destas primeiras noções, começamos a fazer pesquisa em livros e eu também levei para a sala o torso adquirido junto ao CDCC, o qual as crianças manusearam e que facilitou-lhes bastante a compreensão.

Através das radiografias, a atividade de apalpar o corpo tornou-se mais interessante, pois agora, as crianças comparavam a parte encontrada em seu corpo com as que apareciam nos raio-X.

A partir destes debates, elaboramos textos coletivos levando em conta as percepções das crianças.

Numa outra ocasião pedi para que as crianças apalpassem suas cabeças e percebessem se existia algo ali que não tinha ossos.

Algumas disseram:

- É tudo mole (referindo-se as bochechas)
 - E por baixo das bochechas, vocês sentem alguma coisa?
 - Tem osso sim!
 - Tem osso em tudo (disse outra)
 - Apalpem também o nariz; vocês acham que aí tem osso?
 - Tem
 - Têm certeza?
 - Não e osso é um “couro”!!
 - Como assim W., explique pra gente o que você percebeu.
 - É um couro meio mole..
 - Olhem isto, o que o W. falou é muito interessante, este “couro” na verdade não é couro, chama-se cartilagem. E onde mais será que encontramos a cartilagem?
Como não souberam dizer, pedi que apalpassem as orelhas e alguém disse animado:
 - Isto é também!
 - É o quê? A cartilagem?
 - É.
 - Isto mesmo na orelha nós também temos cartilagem, que não é osso, porque quando olhamos para o esqueleto (e mostrei uma radiografia muito nítida onde aparecia a caveira com perfeição e ainda um cartaz de esqueletos) não vemos orelha nem a ponta do nariz, porque elas também, como a carne, pele, cabelo, se decompõem.
- Na semana seguinte trabalhamos com a percepção e o funcionamento das articulações. Através das conversas, pesquisas, experimentações como movimentar e dobrar o corpo em várias direções, a turma se deu conta da importância das articulações, chamadas a princípio, pelas crianças por “dobras”. Procuramos imaginar como seria se não tivéssemos articulações e chegou-se à conclusão que seríamos duros feitos robôs. Propus uma atividade que consistia em tentar pegar objetos de cima de uma mesa sem utilizar as articulações. “Não dá” “Tá difícil” “Posso dobrar só um pouquinho”. Uma das crianças disse: “eu consegui pegar com a palma da mão, sem dobrar”. Então perguntei às outras: “Vocês acham que a F. conseguiu pegar sem dobrar, sem usar sua articulação?” “Não... ela dobrou um pouquinho, sim”. Depois solicitei que fizessem uma pesquisa nas revistas e observassem as articulações e mostrassem, explicando aos companheiros, que tipos de movimentos era possível fazer com elas. Mais tarde sugeri que recortassem as figuras para fazermos nosso livro das articulações que teve seu texto construído à partir das percepções das crianças.

Pretendo relatar aqui as ações que finalizaram nosso projeto.

Começamos nosso dia de trabalho com o projeto, cantando a música “*Tubalacatumba*” que é muito divertida e as crianças adoram. Cantamos também a música “*Quando eu era nenê...*”, que é uma música que identifica várias fases do desenvolvimento humano. Gosto de incluir música em meu trabalho porque estou desenvolvendo um projeto de musicalização infantil com minha turma.

Li também para as crianças duas poesias sobre o corpo humano; a canção *Eu hein!* De Ivan Zigg (sobre caveira) e ainda li um livrinho da turma do Bicho-papão, *O esqueleto*.

Além de terminarmos nosso livro das articulações, lembrando a importância delas para o movimento do corpo humano, propus a confecção de um outro livro de imagens de caveira em guache branco sobre fundo preto. Percebi que algumas crianças ainda desenhavam as caveiras de modo incompleto, então fui perguntando se as crianças achavam ou não que estava faltando algo. Algumas delas disseram que sabiam que estavam faltando algumas partes como, por exemplo, o quadril, mas, que estavam achando difícil desenhar essas partes com o pincel. Então concluí, que para alguma delas a ausência de algumas partes do corpo, se deu mais pela dificuldade em manusear os materiais e elas procuraram simplificar os desenhos; mas, de qualquer maneira resolvi que deveria levá-las ao CDCC para observar um esqueleto de perto.

Conversei com a diretora da escola e ela marcou uma visita para minha turma.

O passeio foi fantástico. As crianças fizeram um tour pelo CDCC e se empolgaram com tanta coisa interessante que o espaço oferece. É bem certo que o “esqueleto teve de dividir a atenção delas com as cobras”. Mesmo para um velho esqueleto experiente é sempre difícil ter de competir com cobras.

De qualquer forma, elas puderam verificar de perto cada parte do esqueleto comentado e pesquisado em sala, puderam observar de perto as tais articulações e constataram que seria impossível movimentar-se sem elas; alguns até ficaram andando feito robôs para mostrar como seria; se impressionaram com a “bolinha” do joelho (rótula ou patela) e com o fato da caveira realmente não ter nariz e orelhas.

Depois deste passeio, sugeri às crianças que observassem as caveiras desenhadas a guache e percebessem se estava faltando algo nelas e fizessem um último desenho, agora a lápis e acrescentassem o que estava faltando. Uma das crianças verificou que em seu desenho estava faltando o quadril e algumas articulações do pescoço; outras perceberam falta de costelas, pés etc. então, depois delas terem observado os desenhos, coloquei o cartaz do esqueleto na lousa para que elas pudessem consultá-lo quando necessário. Estes últimos desenhos ficaram muito bons. Eu sei que o mais

importante não era que as crianças desenhassem um esqueleto perfeito e sim, que o processo foi muito rico em termos de aprendizagens das mais variadas, mas, de qualquer forma eu gostaria de fechar o trabalho com a certeza de que elas sintetizaram os conhecimentos, quanto a complexidade do corpo humano através de um desenho mais completo.

Gostaria de acrescentar que estou começando a desenvolver com as crianças um trabalho mais aprofundado sobre a importância de cuidarmos do nosso corpo, com atividades físicas, saúde, higiene, alimentação adequada e lazer; e dizer também, que depois do passeio ao CDCC, ficou claro que terei de começar um novo projeto, agora incluindo animais, principalmente, cobras e lagartos.

Devo mencionar também, que a produção das crianças foi bastante interessante, elas confeccionaram caveiras com massinhas, palitos, canudos; fizeram desenhos, pinturas, utilizaram alfabeto móvel para escrever palavras-chave, como caveira e osso; eu fotografei diversos momentos para fazer um painel que foi exposto em sala de aula, para que os pais pudessem verificar tudo o que havíamos trabalhado durante o projeto.

Uma avó inclusive veio me dizer que seu neto ao ouvir um noticiário pela televisão sobre a fome na África, fez comentários bastante pertinentes sobre o assunto, e disse que havia aprendido tudo no projeto “caveira”. Ela se disse impressionada pelo fato de não imaginar que crianças tão pequenas pudessem aprender tanto.

Quero acrescentar uma última observação quanto ao aprendizado das crianças através da pesquisa; a meu ver elas avançaram para além do assunto estudado, pois, ao folhear as revistas, encontraram gravuras sobre guerra e fome e ficaram muito impressionadas, então, tive de conversar com elas, dizendo que as pessoas, às vezes, não se entendem e acabam levando seus conflitos tão a sério que terminam fazendo guerras por acharem que estão certas, enquanto as outras estão erradas. Elas não querem conversar para se entender. Quanto a fome, eu disse que enquanto algumas pessoas desperdiçam até mesmo jogando comida fora, outras não têm o que comer e isto se chama injustiça e que na verdade todo ser humano tem direito a ter trabalho, alimento, roupa, casa para morar, mas muita gente não tem seus direitos respeitados. Mencionei o fato de que em todo lugar devemos respeitar o jeito de ser das pessoas, e que temos que saber dividir o espaço e as coisas desde pequenos.

Tentei falar de modo que elas compreendessem, mas como são muito pequenas acho que se fizermos um livro com as coisas tristes e injustas em contraposição com as

coisas boas a que todos têm direito, as crianças compreenderão melhor. Como se pode observar, este trabalho rendeu frutos e continua ainda que o projeto em si tenha terminado.

Referências Bibliográficas:

- Brasil. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Referencial curricular para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF,V.1998. volume 1,2 e 3.
- Kramer, Sonia. Com a Pré-escola nas mãos. São Paulo: ed. Ática, 1994.
- Machado, Maria Lúcia de A . Educação Infantil e sócio interacionista. In: Educação infantil, muitos olhares. Zilma Moraes Ramos de Oliveira (org). São Paulo: Cortez, 1994.